



DADOS PRELIMINARES DA DIVERSIDADE DE ASTERACEAE EM ÁREA DE BANHADO E CAMPO ADJACENTE, DISTRITO DE POVO NOVO, RIO GRANDE, RS, BRASIL.

R. S. Gonçalves

R. S. Ferreira; J. de S. Acunha; A. C. Soares; U. Jacobi; S. M. Hefler

Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Biológicas, Av. Itália, Km 8, Campus Carreiros, 96201 - 900, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. soniahefler@furg.br

INTRODUÇÃO

Asteraceae Bercht. & J. Presl, maior família entre as Eudicotiledôneas, apresenta aproximadamente 23.000 espécies, distribuídas em três subfamílias, 17 tribos e 1.535 gêneros, representando cerca de 10% da flora mundial (Bremer, 1994). São plantas cosmopolitas, especialmente de regiões de clima tropical, subtropical e temperado (Bremer, 1994), sendo mais abundantes em regiões abertas e secas do que em matas fechadas e úmidas. No Brasil estima-se que ocorram 180 gêneros e cerca de 3.000 espécies (Souza & Lorenzi, 2008).

A inflorescência básica das asteráceas é o capítulo, constituído de uma a muitas flores, assentadas em um receptáculo geralmente discóide, com brácteas involucrais (Souza & Lorenzi, 2008) e os frutos são denominados cipsela (Bremer, 1994).

Ecologicamente os frutos apresentam como forma de dispersão mais significativa a anemocoria, devido ao fato de freqüentemente apresentarem “pápus” persistente e transformado em uma estrutura de dispersão. A eficiência na dispersão confere às asteráceas extrema importância na recuperação de áreas degradadas, onde atua tanto como pioneira na colonização de ambientes degradados, quanto na ocorrência em clareiras e bordas de mata (Heiten *et al.*, 2007). Além disso, apresentam alto potencial ornamental (Souza & Lorenzi, 2008).

Atualmente, as Asteraceae estão subdivididas em três subfamílias: Barnadesioideae, Cichoroideae e Asteroideae, que se subdividem em 17 tribos (Bremer, 1994).

Esta família apresenta uma ampla diversidade em formações campestres, levando em consideração que esta é uma das formações vegetacionais mais expressivas no Bioma Pampa que forma ou constitui a maior parte do estado do Rio Grande do Sul, há de se esperar que esta família também tenha maior expressividade nesse ambiente, como já demonstrado em estudos já realizados no estado (Galvagni & Baptista, 2003; Ritter & Baptista, 2005). Porém, estudos visando conhecer as espécies desta família em áreas de

campo ocorrentes no município de Rio Grande são escassos, uma vez que a devastação vem ocorrendo de modo acelerado e mais rápido que as medidas de conservação ou divulgação de estudos referentes à diversidade desta família para o Sul do Estado.

OBJETIVOS

Devido a isto, o presente projeto visa inventariar a flora de asteráceas em área do banhado 25 e campo adjacente, com o intuito de ampliar as informações sobre as entidades taxonômicas de esta família em ambientes campestres e alagados do Sul do Rio Grande do Sul (RS).

MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento das entidades taxonômicas de Asteraceae foi desenvolvido em área do Banhado 25 e campo adjacente, localizados no Distrito de Povo Novo, município de Rio Grande, RS (31° 59' 33" S e 52° 17' 35" W), compreendendo uma área inventariada de aproximadamente 1500m². A planície costeira do Rio Grande do Sul está incluída no clima subtropical úmido (Cfa), na classificação de Köppen. A temperatura regional varia entre 13°C em julho e 24°C em janeiro e a precipitação pluviométrica anual depende da passagem de frentes frias, estando na faixa de 1200 a 1500 mm (Klein, 1998). Nesta região são reconhecidas associações vegetais de campos inundáveis, campos com capões, banhados, dunas e terras recentemente emersas, os quais podem apresentar vegetação herbácea, graminácea, arbustiva ou de mata associada.

A metodologia adotada para o levantamento de espécies foi a tradicional em taxonomia que, consiste na coleta, observação de características ecológicas em campo e comparação morfológica com exemplares depositados em Herbário (HURG), acrescidos de dados obtidos de literatura clássica.

As coletas, fotos e observações em campo foram realizadas quinzenalmente, entre janeiro e maio de 2010, visando amostrar dois diferentes ambientes: banhado e campo arenoso, percorrendo, com esforço de coleta semelhante, utilizando - se o método do “caminhamento”, adaptado de Filgueiras *et al.*, (1994). Além da coleta de exemplares para a herborização (futuramente serão incluídos no Herbário HURG), também foram anotados dados referentes a fenologia e status das espécies, utilizando as categorias subarbusto (SB), erva (ER) ou erva volúvel (EV), adaptada de Ritter & Baptista (2005).

RESULTADOS

Foram levantadas 38 espécies de asteráceas, pertencentes a 18 gêneros, compreendidos em sete tribos. A diversidade é baixa quando comparada com estudos realizados por Ritter & Baptista (2005), que catalogaram 87 espécies de 47 gêneros, distribuídas em 12 tribos, por Heiden *et al.*, (2007), que registraram 120 espécies de 56 gêneros, em 11 tribos e por Nakajima & Semir (2001), que levantaram 215 espécies, pertencentes a 66 gêneros, de 11 tribos.

O baixo número de espécies registradas, até o momento, na área estudada, pode ser atribuído, a menor área levantada e ao menor número de tipos de ambientes, quando comparado aos estudos supracitados. Além disso, o presente estudo comporta dados preliminares, restando ainda o levantamento durante as estações do inverno e primavera. Esta última, considerada a estação cujas espécies desta família apresentam os maiores índices de floração segundo Ritter & Baptista (2005), inclusive das espécies de ciclo anual.

As tribos com maior representatividade são Astereae (31%), Eupatorieae (21%), Inuleae (16%) e Heliantheae (16%), respectivamente, confirmando com estudos realizados por Ritter & Baptista (2005), quando as duas primeiras tribos foram mais representativas em riqueza de espécies. Por outro lado, quando comparado com estudos realizados em outros ambientes e regiões do Brasil, como Almeida *et al.*, (2005), no cerrado em São Paulo, e Nakajima & Semir (2001) na Serra da Canastra em Minas Gerais, verifica - se que a predominância de espécies passa a ser da tribo Vernonieae (35% para SP e 31% para MG). No entanto, Eupatorieae (28% e 29%) e Heliantheae (10% e 17%), ocupam a segunda e terceira posição em termos de diversidade específica, confirmando a relevância destas tribos nos ambientes estudados.

Em termos de riqueza de espécies, *Baccharis* (8) e *Eupatorium* (7) foram os gêneros que mais contribuíram. Concorrendo com outros levantamentos realizados para a família (Ritter & Baptista, 2005; Heiden *et al.*, , 2007). Além disso, no presente estudo, espécies destes dois gêneros mostram - se mais expressivas no ambiente campo arenoso (6 e 5 espécies, respectivamente).

O mesmo ocorreu com a maioria das espécies levantadas (29, 76%) que ocorrem neste ambiente. Destas, cinco espécies (13%), também ocorrem no banhado adjacente: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC., *Baccharis trimera* (Less.) DC., *B. dracunculifolia* DC., *B. spicata* (Lam.) Baill., *Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera.

Das espécies levantadas, algumas são típicas de banhado (ambiente úmido ou alagado), como *Senecio bonariensis* Hook. & Arn. e *Mikania periplocifolia*, Hook. & Arn. (Irgang & Gastal, 1996).

A maior parte das espécies levantadas são ervas (35; 92%), apenas duas são subarbustivas (5,6%) e uma é erva volúvel (*Mikania periplocifolia*). Isto está de acordo com outros estudos da família, quando o hábito herbáceo geralmente é mais abundante (Ritter & Baptista 2005, Heiden *et al.*, 2007).

Pelo seu hábito arbustivo, destacam - se na fisionomia do ambiente *Baccharis dracunculifolia* e *Eupatorium bupleurifolium*, ambas popularmente conhecidas como vassouras. A primeira espécie é citada como característica de campos arbustivos do RS (Ritter & Baptista, 2005), enquanto a segunda, tem uma predominância por campos úmidos (Irgang & Gastal, 1996).

Segundo Lorenzi & Matos (2002), muitas das espécies levantadas neste estudo tem valor medicinal, como por exemplo, *Achyrocline satureioides* (macela) *Baccharis trimera* (carqueja), *Pluchea sagittalis* (quitoco), *Solidago chilensis* Meyer (erva - lanceta) e *Tagetes minuta* L. (cravo - de - defunto).

CONCLUSÃO

As asteráceas estão bem representadas na área levantada, tendo em vista que o estudo ainda é preliminar. O número de espécies tende a aumentar, especialmente na estação da Primavera, cujo período ainda não foi monitorado. A predominância de espécies das tribos Astereae e Eupatorieae para o RS foi confirmada neste estudo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A.M.; Fonseca, C.R.; Prado, P.I.; Almeida - Neto, M.; Diniz, S.; Kubota, U.; Braun, M.R.; Raimundo, R.L. G.; Anjos, L.A.; Mendonça, T.G.; Futada, S.M. & Lewinsohn, T.M. Diversidade e ocorrência de Asteraceae em Cerrados de São Paulo. *Biota Neotrop.* 5(2). 2005. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v5n2/pt/>.
- Bremer, K. *Asteraceae: Cladistics and Classification*. Timber Press, Portland. 1994.
- Filgueiras, T.S.; Nogueira, P.E.; Brochado, A.L. & Gualaii, G.F. Caminhamento-um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. *Cad. Geoc.* 12: 39 - 43. 1994.
- Galvani, F. R.; Baptista, L. R. de M. Flora do Parque Estadual do Espinilho-Barra do Quaraí /RS. *Revista do FZVA* 10 (1): 42 - 62. 2003.
- Heiden, G. Barbieri, R. L., Wasum, R. A., Scur, L. & Sartori, M. A família Asteraceae em São Mateus do Sul, Paraná. *R. Bras. Bioci.* 5 (supl. 2): 249 - 251. 2007.
- Irgang, B.E.; Gastal Jr., C.V.S. *Plantas aquáticas da planície costeira do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edição dos autores.1996. 290p.
- Klein, A. H. F. Clima regional. pp. 5 - 7. In: Seeliger, U.; Odebrecht, C. & Castello, J. P. (eds). *Os Ecossistemas Costeiro e Marinho do Extremo Sul do Brasil*. Rio Grande: Ecocientia. 1998. 341p.

Lorenzi, H. & Matos, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil- Nativas e exóticas*. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum. 2002. 544p.

Nakajima, J. N. Semir, J. Asteraceae do Parque Nacional da Serra da canastra, Minas Gerais, BR. *Revista Brasil. Bot.*, 24(4): 471 - 478. 2001.

Ritter, M. R. & Baptista, L. R. de M. Levantamento

florístico da família Asteraceae na “Casa de Pedra” e áreas adjacentes, Bagé, Rio Grande do Sul. *Iheringia, Sér. Bot.*, 60 (1): 5 - 10. 2005.

Souza, V.C. & Lorenzi, H. *Botânica Sistemática: Guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira em APG II*. 2.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 640p.